

A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Luan Vinicius Bernardelli
(Organizador)



Luan Vinicius Bernardelli

(Organizador)

A Economia numa Perspectiva Interdisciplinar

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E19	A economia numa perspectiva interdisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Luan Vinicius Bernardelli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-505-1 DOI 10.22533/at.ed.051193007 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Economia. I. Bernardelli, Luan Vinicius. II. Título. CDD 330
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A ciência econômica é marcada pelo estudo do funcionamento dos mercados, determinação das taxas de juros, câmbio, entre diversos outros aspectos que são relacionados aos aspectos gerais macroeconômicos e microeconômicos. Contudo, o estudo das ciências econômicas possui um forte caráter multidisciplinar, o que potencializa o impacto dos estudos econômicos na sociedade.

É fundamental compreender como os agentes se organizam economicamente e, de maneira constante, buscar aprimorar a qualidade de vida das pessoas. O estudo da economia tem como finalidade principal aumentar o bem-estar da sociedade, contudo, trata-se de um processo complexo que envolve uma série de fatores.

Dessa forma, a multidisciplinaridade tem muito a oferecer para o desenvolvimento da ciência e, conseqüentemente, para o entendimento das relações econômicas entre os seres humanos. Nesse sentido, no e-book “A economia numa Perspectiva Interdisciplinar”, apresenta-se artigos que contribuem para o estudo das ciências econômicas sob o enfoque multidisciplinar, abordando importantes temas sobre as atuais relações econômicas entre os agentes.

A complexidade dos agentes econômicos impossibilita a reprodução e o entendimento das relações econômicas por meio de uma ciência exata. Nesse sentido, a economia é estudada como uma ciência social, que deve ser constantemente testada e mensurada, a fim de se aprimorar o modo de organização social.

A organização deste livro não está pautada sob um critério único, dado a diversidade de temas e métodos que são apresentados. Neste livro, o leitor poderá contemplar 35 capítulos que debatem a economia numa perspectiva interdisciplinar. Os trabalhos abrangem diversas temáticas, como o desenvolvimento econômico sob o enfoque regional e territorial, a fim de mostrar a importância do espaço e da região nos estudos econômicos. Questões relacionadas ao comportamento do consumidor nos tempos atuais também podem ser apreciadas. Importantes conceitos sobre uma Economia Solidária, que se trata de uma temática de estudo em constante evolução no Brasil e possibilita o desenvolvimento de formas alternativas de geração de emprego e renda, principalmente para pessoas de baixa renda. Além disso, diversos outros textos discutem questões pertinentes no atual contexto econômico.

Neste livro também se encontram trabalhos sobre diversas regiões e estados brasileiros, evidenciando que, além de uma grande diversidade em relação aos temas e métodos, a ciência econômica sob caráter interdisciplinar está sendo investigada em todo território nacional e contribui com todas regiões do Brasil. Dessa forma, o leitor poderá contemplar estudos de pesquisadores de todo o país, de Universidades Estaduais, Federais, centros e instituto de pesquisa, entre outras importantes entidades contribuintes à ciência nacional.

Por fim, desejo que o leitor desfrute dos artigos apresentados nesta edição, ressaltando a importância do estudo das ciências econômicas sob caráter

interdisciplinar. Certamente, este livro dará suporte aos leitores para a compreensão da importância do estudo da economia e suas áreas correlatas.

Luan Vinicius Bernardelli,
Doutorando em Teoria Econômica pelo PCE/UEM

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AGÊNCIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL (DO OESTE) DE SANTA CATARINA: ANÁLISE SÓCIO ECONÔMICA DO PERÍODO DE 2000 A 2010	
Alyne Sehnem Juliano Luis Fossá Marcia Berti Fiorin	
DOI 10.22533/at.ed.0511930071	
CAPÍTULO 2	13
A PARTICIPAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NO DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL	
Seonária Costa Santana Alane Amorim Barbosa Dias Cleudson Santos de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0511930072	
CAPÍTULO 3	21
O PAPEL DO TERRITÓRIO NOS DESAFIOS DA ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DAS REDES SOLIDÁRIAS	
Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza Auro Aparecido Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.0511930073	
CAPÍTULO 4	33
A ECONOMIA PAULISTA ANTES DO CAFÉ: AGRICULTURA, COMÉRCIO E DINÂMICAS MERCANTIS NA REGIÃO DE “SERRA ACIMA” (C. 1800-C. 1820)	
Marco Volpini Micheli	
DOI 10.22533/at.ed.0511930074	
CAPÍTULO 5	60
CAFEICULTURA, URBANIZAÇÃO E CAPITALISMO: O CAMPO E A CIDADE NO SÉCULO XIX, JUIZ DE FORA-MG	
Felipe Marinho Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.0511930075	
CAPÍTULO 6	74
MODA, CULTURA E CONSUMO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO	
Ana Paula Nobile Toniol Sara Albieri	
DOI 10.22533/at.ed.0511930076	
CAPÍTULO 7	87
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR E NOVAS PROCURAS: OS VALORES CULTURAIS DO QUEIJO MINAS ARTESANAL	
Lélis Maia de Brito Lidiane Nunes da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.0511930077	

CAPÍTULO 8	99
COMIDA DE PET: COMENSALIDADE INTERESPÉCIE	
Juliana Abonizio Eveline Teixeira Baptistella	
DOI 10.22533/at.ed.0511930078	
CAPÍTULO 9	112
CONSUMO, BENEFICIAMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE FRUTAS NO ASSENTAMENTO TERRA VISTA- ARATACA-BA	
Telmara O. Benevides Campos Ricardo de Araújo Kalid Milton Ferreira da Silva Junior Maria Olímpia Batista de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.0511930079	
CAPÍTULO 10	125
OS PASSATEMPOS DA VIAGEM: UMA ABORDAGEM SOBRE AS RELAÇÕES DE CONSUMO NOS BRT DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE	
Marília do Nascimento Silva Alcides Jairon Lacerda Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.05119300710	
CAPÍTULO 11	137
CONECTANDO AGRICULTURA – ALIMENTAÇÃO - DESENVOLVIMENTO: UMA ANÁLISE DO CAMPO CIENTÍFICO	
Caroline Conteratto Álvaro Sérgio Oliveira Daiane Thaise Oliveira Faoro Gabrielli do Carmo Martinelli	
DOI 10.22533/at.ed.05119300711	
CAPÍTULO 12	147
ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO COMO BASES PARA UMA NOVA CONDIÇÃO MATERIAL DA EXISTÊNCIA	
Yuri Rodrigues da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.05119300712	
CAPÍTULO 13	159
DESAFIOS DA AUTOGESTÃO E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS EM SOLIDÁRIA	
Gabriel Gualhanone Nemirovsky Édi Augusto Benini Elcio Gustavo Benini Eziel Gualberto de Oliveira Henrique Tahan Novaes Martina Nogueira Lima Raphael Camargo Penteadó Gustavo Henrique Petean	
DOI 10.22533/at.ed.05119300713	

CAPÍTULO 14	173
ECONOMIA SOLIDÁRIA, PRÁTICAS ESPACIAIS E TERRITÓRIOS DISSIDENTES EM RIO CLARO (SP)- BRASIL	
Auro Aparecido Mendes Silvia Aparecida Guarnieri Ortigoza	
DOI 10.22533/at.ed.05119300714	
CAPÍTULO 15	182
EDUCAÇÃO POPULAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA PARCERIA POTENTE NA LUTA POLÍTICA	
Ana Elídia Torres	
DOI 10.22533/at.ed.05119300715	
CAPÍTULO 16	191
UM OLHAR SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO EM EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS	
Lourença Santiago Ribeiro Diego Palma de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.05119300716	
CAPÍTULO 17	201
GERAÇÃO DE RENDA EM ECONOMIA SOLIDÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA COM USUÁRIOS DE CAPS-AD II	
Gabriela Zanim Patrícia Tosta Soares Regina Celia Fiorati	
DOI 10.22533/at.ed.05119300717	
CAPÍTULO 18	213
CURSO FORMATIVO PARA O FORTALECIMENTO DA REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E SAUDÁVEL EM RIBEIRÃO PRETO-SP	
Mariana Pantoni Santana Regina Célia Fiorati Perla Calil Pongeluppe Wadhy Rebehy Regina Yoneko Dakuzaku Carretta Daniel Yacoub Bellissimo Julia Terra Ribeiro do Vale Marta Cristiane Alves Pereira Rogério Cerávolo Calia José Luiz Bahia Patrícia Soares	
DOI 10.22533/at.ed.05119300718	
CAPÍTULO 19	222
ESTUDO DE CASO: IMPLANTAÇÃO DE UMA INCUBADORA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA NA UTFPR/ CÂMPUS DE APUCARANA	
Márcia Cristina Alves Marcelo Capre Dias	
DOI 10.22533/at.ed.05119300719	

CAPÍTULO 20	234
SABERES E SABORES: A EXPERIÊNCIA DE UMA FEIRA DE ECONOMIA POPULAR E SOLIDÁRIA NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA (BA)	
Alessandra Oliveira Teles Wesley Freire dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300720	
CAPÍTULO 21	246
O DESAFIO DA ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO SUPERIOR DE GRADUAÇÃO E PRÁTICAS DE EXTENSÃO: ESTUDO DE CASO DA TEMÁTICA DE COOPERATIVISMO NA UFFS	
Raoni Fernandes Azerêdo Pedro Ivan Christoffoli Anelize de Souza Muller Campos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300721	
CAPÍTULO 22	258
ELEMENTOS PARA A DETERMINAÇÃO MATERIAL DO DIREITO NOS TEXTOS ECONÔMICOS TARDIOS DE MARX: O MOVIMENTO DO DIREITO NA VIA CLÁSSICA	
Lucas Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.05119300722	
CAPÍTULO 23	278
FORMAS ESTATAIS E REGIMES DE ACUMULAÇÃO DE CAPITAL	
Matheus de Araújo Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.05119300723	
CAPÍTULO 24	291
EVOLUÇÃO DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE INDÚSTRIA EXTRATIVA E INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO NO PERÍODO DE 2000 A 2011	
Luciane Rosa de Oliveira Bruna Márcia Machado Moraes Angélica Pott de Medeiros Reisoli Bender Filho	
DOI 10.22533/at.ed.05119300724	
CAPÍTULO 25	311
MODELO DE GESTÃO PARA AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES RURAIS MEDIANTE A APLICAÇÃO DE MÉTODO SWOT	
Caroline Conteratto Laura Possani Gabrielli do Carmo Martinelli	
DOI 10.22533/at.ed.05119300725	
CAPÍTULO 26	322
MERCADORES DE OBRIGAÇÕES: COMÉRCIO, DÁDIVAS E RECIPROCIDADE NA TROCA DE VALORES NA FEIRA DA 25 DE SETEMBRO EM BELÉM/PA	
José Maria Ferreira Costa Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.05119300726	

CAPÍTULO 27	335
RELEVÂNCIA DA IMAGEM CORPORATIVA DO BANCO CENTRAL DO BRASIL: UM ESTUDO COM ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA	
Paulo Roberto da Costa Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.05119300727	
CAPÍTULO 28	347
EBC: A CIDADANIA PERDIDA	
Valéria de Castro Fonseca	
Célia Maria Ladeira Mota	
DOI 10.22533/at.ed.05119300728	
CAPÍTULO 29	358
A PREVIDÊNCIA SOCIAL DOS (DES)ASSISTIDOS TRABALHADORES EM EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS	
Arlete Candido Monteiro Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.05119300729	
CAPÍTULO 30	372
IMPACTOS DA AÇÃO CIVIL PÚBLICA DO CARVÃO MINERAL NA ECONOMIA DO SUL DE SANTA CATARINA	
Eduardo Netto Zanette	
Silvio Parodi Oliveira Camilo	
DOI 10.22533/at.ed.05119300730	
CAPÍTULO 31	395
VIVER ENTRE O MAR E A TERRA: UMA COMPARAÇÃO DO PERFIL SOCIAL E ECONÔMICO DOS PERSEGUIDOS PELO TRIBUNAL DA INQUISIÇÃO EM SALVADOR E CARTAGENA DAS ÍNDIAS XVI-XVII	
Jéssika de Souza Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.05119300731	
CAPÍTULO 32	415
OS APARATOS INFOTELECOMUNICACIONAIS E A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO IDEOLÓGICA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO	
Edvaldo Carvalho Alves	
Fellipe Sá Brasileiro	
Edilson Targino de Melo Filho	
DOI 10.22533/at.ed.05119300732	
CAPÍTULO 33	425
RÁDIOS LIVRES E A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: UMA PERSPECTIVA MUDA	
Ricardo Franco Llanos	
DOI 10.22533/at.ed.05119300733	
CAPÍTULO 34	438
GESTÃO DA COMUNICAÇÃO PÚBLICA EM UMA UNIVERSIDADE MULTICAMPI	
Tiago Santos Sampaio	
DOI 10.22533/at.ed.05119300734	

CAPÍTULO 35	449
<i>SOFTWARE LIVRE E TECNOLOGIA PARA INCLUSÃO SOCIAL</i>	
Flávio Gomes da Silva Lisboa	
Marilene Zazula Beatriz	
DOI 10.22533/at.ed.05119300735	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	460

OS APARATOS INFOTELECOMUNICACIONAIS E A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO IDEOLÓGICA NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

Edvaldo Carvalho Alves

Doutor em Ciências Sociais e Professor do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). edvaldocalves@gmail.com

Fellipe Sá Brasileiro

Doutor em Ciência da Informação e Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). fellipesa@hotmail.com

Edilson Targino de Melo Filho

Bibliotecário-Documentalista do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco e Doutorando em Ciência da Informação IBCT/UFRJ. edilsondmelo@gmail.com¹

RESUMO: Discute o processo de socialização na sociedade capitalista contemporânea a partir da emergência e consolidação dos aparatos infotelecomunicacionais² como um de seus principais agentes. De natureza eminentemente bibliográfica, fundamenta-se no materialismo histórico e no método dialético, definindo socialização como ações de disseminação de

informações predominantemente ideológicas por meios das instituições sociais, cuja função é a (re)produção das condições subjetivas de “consentimentos”, necessárias e fundamentais ao funcionamento e preservação do modo de produção capitalista em sua fase atual de desenvolvimento contraditório.

PALAVRAS-CHAVE: Socialização. Disseminação. Informação Ideológica. Aparatos Infotelecomunicacionais.

ABSTRACT: It discusses the process of socialization in contemporary capitalist society from the emergence and consolidation of infotelecommunicational apparatuses as one of its main agents. Of an eminently bibliographical nature, it is based on historical materialism and the dialectical method, defining socialization as actions of dissemination of predominantly ideological information by means of social institutions, whose function is (re) production of the subjective conditions of necessary “consents” and Fundamental to the functioning and preservation of the capitalist mode of production in its present phase of contradictory

1 Este artigo foi originalmente apresentado no GT6 – Ética, Política e Epistemologia da Informação, VI Encontro Nacional da ULEPICC-Brasil-Brasília em 2016. Uma segunda versão do mesmo, enfocando o papel central da informação no processo de socialização, foi apresentada no XIII CINFORM-Salvador em 2017.

2 Utilizamos aqui infotelecomunicações de acordo com Moraes (2000), para o qual o conceito de infotelecomunicações sintetiza os prefixos dos três setores convergentes (informática, telecomunicações e comunicação), indicando a “conjugação de poderes estratégicos relacionados ao macrocampo multimídia”.

development

KEYWORDS: Socialization. Dissemination. Ideological Information. Infotelecomunicacional apparatuses.

INTRODUÇÃO

Na fase atual do processo de desenvolvimento contraditório do capitalismo em que nos encontramos, denominado por Lukács, Mészáros (2016, 2009), Alves (2011, 2013) de manipulatório, a reprodução das condições subjetivas de consentimento, naturalização/desistoricização do real constituem, mais do que nunca, uma necessidade primeira para o funcionamento e a manutenção/preservação do sistema. Este processo é realizado por meio do fenômeno da socialização, que opera através da disseminação de informações por meio das diversas instituições sociais. Nas sociedades cindidas em classes sociais possuidoras de interesses contraditórios inconciliáveis, a socialização opera na conformação dos modos de ser, pensar e sentir de acordo com os interesses, valores, crenças, sentimentos etc. da classe dominante e suas frações, uma vez que, como salientou Marx, as ideias da classe dominante são e precisam ser as ideias dominantes de uma determinada época histórica. Esta disseminação tem início ainda no processo de socialização primária, que acontece sob o domínio, hoje apenas relativo e não mais geral, da instituição família, uma vez que esta passa a competir com novos agentes (instituições), em especial os aparatos infotelecomunicacionais.

Diante disto, este artigo tem como principal objetivo realizar uma reflexão sobre o lugar e a função dos aparatos infotelecomunicacionais no processo de socialização contemporâneo, tomando-os como instituições disseminadoras, fundamentalmente, de informação de natureza ideológica, sem esquecer que estes, dialeticamente, representam também espaços de materialização da luta de classes, tendo em vista que se configuram como “aparelhos ideológicos de informação”, no sentido althusseriano do termo.

Alicerçado em fontes de natureza bibliográficas se constitui, assim, em um trabalho de tipo eminentemente teórico, fundamentando-se teórico-metodologicamente no materialismo histórico e no método dialético a este associado.

O conteúdo aqui apresentado foi estruturado em duas seções: na primeira, apresenta-se o conceito de socialização, entendido como processo de disseminação de informações, especificando sua função principal, suas fases constitutivas e seus principais agentes; na segunda, definimos o que entendemos por informação ideológica e ressaltamos a centralidade dos aparatos infotelecomunicacionais no processo contemporâneo de socialização, demonstrando seu caráter de ubiquidade social.

A SOCIALIZAÇÃO COMO PROCESSO DISSEMINADOR DE INFORMAÇÕES E A REPRODUÇÃO DAS CONDIÇÕES DE (RE)PRODUÇÃO SOCIAL

Se, segundo Althusser (2007), a condição última de toda produção é a reprodução do conjunto das condições necessárias à produção de uma realidade social, qual seria o macroprocesso social responsável por esta função? Quem seriam seus agentes? E como a informação se encontra presente neste?

Na literatura sociológica, este processo é o de socialização³. De acordo com Durkheim (2014), a socialização seria um processo social de aprendizagem, isto é, um processo pedagógico/educativo, que objetiva a transmissão, para as novas gerações, do conjunto de normas, regras, valores, sentimentos, ideias e ideais comuns à média de uma determinada realidade social. Nas palavras do autor, a socialização seria a

[...] ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social: tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina⁴ (DURKHEIM, 2014, p. 41).

Desta forma, o processo de socialização, na perspectiva durkheimiana, pode ser entendido como o principal instrumento de controle social e, assim, de manutenção da ordem e do *status quo*, uma vez que ele é o responsável pela internalização nos indivíduos dos modos de ser, pensar, sentir e perceber, ou seja, do conjunto de disposições sociais e visão social de mundo que fazem do indivíduo um ser socialmente identificável no contexto de uma formação social espacial e historicamente determinada.

Embora com apropriações distintas da obra de Durkheim, George Mead, Talcott Parsons, Erving Goffman, Peter Berger, Thomas Luckmann, entre outros, parecem ser tributários de algumas contribuições desse autor. Em especial, os dois últimos trouxeram, possivelmente, as maiores contribuições para se entender a dinâmica do processo de socialização.

Para Berger e Luckmann (1983), a socialização seria o processo por meio do qual o indivíduo, desde o primeiro momento em que pisa no palco da vida, vai

3 Apesar de já aparecer em um clássico como Durkheim, desdobrando-se em outros autores de grande envergadura, a exemplo de Berger, Luckman, Bourdieu, entre outros, a temática da socialização não tem sido objeto privilegiado de análise, principalmente no tocante a sua centralidade enquanto instrumento de controle social e, portanto, de (re) produção social na contemporaneidade.

4 Percebe-se que, nesta definição, já se encontra explicitado uma das características do processo de socialização, seu caráter, simultaneamente, geral e particular. Além desta, o processo de socialização possuiria as seguintes características: a) nunca é total; b) é simultaneamente coercitivo e recursivo; c) é determinado pela posição de classe do indivíduo na estrutura social.

aprendendo a ser um membro de uma sociedade particular, incorporando padrões sociais de conduta, ao mesmo tempo relativos à classe social na qual se encontra inserido e gerais ao contexto social mais amplo. Além desta explicitação do caráter, simultaneamente geral e particular, da socialização, estes autores propõem a separação do processo de socialização em dois momentos, o da socialização primária e o da socialização secundária.

O primeiro momento, o da socialização primária, se definiria pela imersão do indivíduo ainda criança em um mundo social experienciado não como um universo possível entre muitos, mas como o único mundo existente e concebível, o mundo *tout court*. Essa imersão se processaria, segundo os autores, por meio de um conhecimento de base que serviria de referência para a objetivação do mundo exterior, possibilitando ordená-lo pela mediação da linguagem, bem como refletir e projetar ações passadas e futuras. Seria a incorporação deste saber de base *na e com* a aprendizagem primária da linguagem – oral e escrita – que constituiria o processo fundamental da socialização primária, uma vez que forjaria a posse subjetiva de um eu (self) e de um mundo exterior (BERGER; LUCKMANN, 1983)⁵.

O segundo momento, o da socialização secundária, que ocupa a maior parte da atenção dos autores e representa sua real contribuição ao debate, se desenvolveria a partir da interiorização de submundos institucionais especializados e/ou a aquisição de saberes específicos e de papéis direta ou indiretamente enraizados na divisão do trabalho. Estes saberes seriam espécies de maquinarias conceituais que compreenderiam um vocabulário e um programa formalizado, formando um verdadeiro universo simbólico associado a uma concepção/visão de mundo, que, ao contrário dos saberes de base da socialização primária, estariam definidos e constituídos em referência a um campo especializado de atividades, portanto, sendo adquiridos, principalmente, nas instituições escolares.

Segundo os autores, a construção e permanência de uma coerência entre saberes de base e saberes especializados não estariam ligados a uma dinâmica única, isto é, não existiria uma linearidade necessária e/ou uma complementariedade entre estes dois tipos de saberes. Ao contrário, estas estariam submetidas a fatores condicionantes presentes nas histórias biográficas e na estrutura social onde esta se desenrola. Dito de outra forma, os padrões normativos incorporados por meio das instituições tradicionais da socialização primária, em especial a família, ao interagirem com os padrões normativos das instituições da socialização secundária, poderiam suscitar uma série de conflitos identitários, pois explicitariam lógicas de atuação e concepções/visões de mundo muito distintas. Desta forma, esta perspectiva nos permite apreender o processo de socialização também pelo viés da mudança social, principalmente da mudança nos padrões adquiridos na socialização primária, além de nos fazer perceber, também, o aspecto sempre não totalizador da socialização.

5 É importante ressaltar que, para Berger e Luckmann, o conjunto destes saberes básicos incorporados pelos indivíduos ainda crianças, dependerá, fundamentalmente, das relações familiares.

No entanto, apesar das reflexões de Berger e Luckmann avançarem em relação à visão clássica do processo de socialização, esta traz em si algumas limitações, em especial duas que nos interessam aqui: 1) ao delimitar a socialização secundária apenas a um aprendizado especializado e/ou à imersão em um universo de símbolos vinculados, eminentemente, ao mundo do trabalho, não percebem a efetivação e o aumento da importância dos aparatos infotelecomunicacionais enquanto agentes do processo de socialização; 2) mesmo especificando as instituições sociais como agentes do processo de socialização e delimitando seus momentos constitutivos, os autores não pontuam qual seria seu substrato, ou seja, a informação.

Assim, partindo desta concepção e objetivando a superação dos limites acima ressaltados, propomos entender o fenômeno da socialização como um processo não linear, mas fundado na contradição, através do qual uma determinada sociedade, por meio do conjunto de suas instituições e dos papéis desempenhados pelos indivíduos que as constituem, transmitem informações (em especial ideológicas no caso das sociedades de classes) com o objetivo de internalizar e corporificar, nas novas gerações, o conjunto de regras, normas, valores, ideias, ideais, sentimentos, crenças, costumes etc. necessários e fundamentais para seu funcionamento, reprodução e conservação. Portanto, o processo de socialização, podemos dizer, constitui-se no principal mecanismo de controle social e, sendo assim, a luta em torno do controle da determinação dos conteúdos informacionais que serão disseminados através dele é uma das mais importantes e expressa, direta e indiretamente, a luta de classes entre capital e trabalho. Além disto, no momento histórico de desenvolvimento contraditório do capitalismo, onde a sociedade passa a ter uma ambiência da informação, as instituições tradicionais, em particular a família e a escola, perderam sua centralidade, passando a competir e dividir espaço com os aparatos infotelecomunicacionais, que aos poucos veem se tornando em agentes hegemônicos deste processo.

OS APARATOS INFOTELECOMUNICACIONAIS COMO AGENTES DO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO E A DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Torna-se necessário, antes de precisar o tipo de informação que os aparatos infotelecomunicacionais disseminam, predominantemente, enquanto agentes centrais do processo de socialização na sociedade capitalista contemporânea, ressaltar o que entendemos aqui por informação.

Há na literatura diversos conceitos para o termo informação, várias disciplinas científicas utilizam o conceito informação, destacamos Capurro e Hjørland (2007) para quem a informação possui uma “infame versatilidade”, ou seja, adquire aspectos de fonte e recepção, forma de controles, ou mesmo um estado cognitivo. Para Buckland (1991), a informação é “como ato de informar ou comunicar algo”, sendo classificada como um processo. Segundo Le Coadic (2004), “a informação é um conhecimento inscrito em forma escrita, oral ou audiovisual”, isto é, para o autor

a informação ganha um caráter material como “coisa, já que é possível tocá-la e medi-la”. Buckland (1991) relaciona a informação ao conhecimento, ambos como intangível sem forma direta de medição.

Entretanto, adotar-se-á o conceito de Gonzalez de Gomez (1990) para quem a informação é vista como uma possibilidade de realizar ações de informações em processos comunicacionais permitindo aos sujeitos compreender-se dentro de uma ordem normativa. Neste sentido, a análise das ações de informações permite compreender como os aparatos infotelecomunicacionais passam a ocupar um espaço cada vez maior no processo de socialização, espaço este que era monopolizado pelas instituições tradicionais (escola e família).

Para Alves (2016, p. 26), as ações de informação

[...] definem as regras em que se relacionam duas ou mais informações desenvolvendo valores cognitivos, aos quais os múltiplos estratos da informação seriam reorganizados conforme um fim, um interesse, orientando-se a um agir ou um fazer.

Neste sentido, configuram-se como um regime de informação no qual os aparatos infotelecomunicacionais geram ações sociais específicas, ou seja, processos disseminadores de informação, eminentemente, ideológica.

Mas o que seria informação ideológica? Para sabermos isto é necessário precisar o que estamos entendendo por ideologia.

De todos os conceitos que constituem o campo das ciências sociais pode-se afirmar que o de ideologia é o campeão em significados possíveis. Esta riqueza semântica não se restringe apenas à forma como cada corrente teórica utiliza o termo, mas também, dentro de uma mesma corrente, como a marxista, é possível encontrar significados diferentes e até mesmo opostos para esta palavra, como afirma Löwy (2013, p. 15):

Nota-se que a confusão e ambivalência são quase completas, não apenas entre pensadores de diferentes correntes, mas no seio de uma só e mesma tradição teórica e no interior de uma só e mesma obra, considerada como um grande clássico da sociologia do conhecimento.

Apesar desse acúmulo histórico de significações, é possível, especialmente no interior da tradição marxista, apreender um núcleo duro do conceito, isto é, agarrar seu sentido *hard*, crítico e negativo⁶ que se constitui em instrumento fundamental para pensar e entender os processos contraditórios de construção, legitimação e manutenção da realidade social, em particular, a capitalista em sua fase atual.

A maioria das concepções teóricas atuais, que possuem o conceito de

⁶ É importante ressaltar que mesmo dentro da tradição marxista existe um sentido positivo para o conceito de ideologia, entendido, fundamentalmente, como um conjunto de valores, crenças, ideias, ideais etc. que definem e atribuem significados aos indivíduos e ao real. Para um melhor entendimento deste sentido do conceito de ideologia, ver Schneider (2014).

ideologia como parte de seu instrumental de trabalho, concorda que a palavra, em sua acepção moderna, teve origem no grupo de pensadores franceses do século XVIII aos quais fora confiado, pela Convenção de 1795, a fundação de um novo centro de pensamento revolucionário, que funcionaria no recém criado *Institute de France*. Foram os membros deste grupo que pela primeira vez receberam a acunha de ideólogos. O seu representante mais ilustre foi o filósofo francês Destutt de Tracy. Para este, a ideologia seria um ramo da ciência que teria como finalidade o estudo científico das ideias, entendendo-as como o resultado da interação entre o organismo vivo e a natureza. Alguns anos mais tarde, em polêmica com o conjunto destes autores, Napoleão irá denominá-los de “ideólogos”, concebendo-os como metafísicos abstratos, que tomavam a realidade pela(s) ideia(s) que se construíam sobre elas, portanto, de forma distorcida e ilusória. Este significado, de acordo Lowy (2013), se tornou corrente no cotidiano da primeira metade do século XIX, quando Marx irá apropriar-se dele e refundá-lo.

Para Marx, a ideologia é o fenômeno pelo qual as ideias e representações que os homens elaboram a respeito de suas realidades são tomadas como sendo o próprio real, ou seja, “os produtos das cabeças dos homens acabam por se impor a suas próprias cabeças” (MARX, 2010, p 38). É uma forma de conhecimento imediato das relações sociais que não vai além das aparências do real, portanto uma visão superficial, que faz com que tomemos como causas dos fenômenos os seus efeitos, por isso é uma visão invertida da realidade.⁷

[...] em toda ideologia, os homens e suas relações aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida, do mesmo modo por que a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico (MARX, 2010, p 47).

Mas, como acontece essa inversão? Quais são os fatores que a possibilitam?

Para Marx, o primeiro aspecto que possibilita o surgimento de uma pseudoconsciência é a divisão entre trabalho intelectual e trabalho manual, é a partir dessa divisão que a consciência pode pretender “representar realmente algo sem representar algo real”, ficando em condições de “entregar-se à criação da teoria, da filosofia, da teologia, da moral etc., ‘puras’” (MARX, 2010, p 35). O outro aspecto básico que possibilita o aparecimento da ideologia é a cisão da sociedade em classes sociais antagônicas e em contradição⁸. Contradição esta que cria a necessidade por parte da classe dominante, para se manter no poder, de apresentar seus interesses

7 A causa dessa inversão é o próprio processo histórico de vida dos homens e não algum fator subjetivo, intrínseco e natural a estes.

8 A história, segundo Marx, é um processo dialético onde o motor é contradição, não entre as formas de exteriorização e interiorização do espírito como pensava Hegel, mas entre os homens reais no seu processo de produção de sua vida material, isto é, entre as classes sociais, estas entendidas como formas específicas de relação entre os homens e o real.

particulares como sendo interesses universais.

Percebe-se, assim, que a principal função da ideologia é justamente fazer com que as pessoas não consigam enxergar e perceber as mediações e contradições que formam a realidade, que a percebam a partir, fundamentalmente, de sua pseudoconcreticidade, isto é, de sua aparência imediata, sem história, como um dado inexorável. Desta forma, a ideologia ao mascarar e velar opera uma justificação e legitimação do real.

Por conseguinte, a informação ideológica, tal qual aqui a entendemos, diz respeito a uma ação de informação em processos comunicacionais que, ao invés de possibilitar aos sujeitos compreender uma ordem normativa e, concomitantemente, compreender-se também em seu interior, nega-lhes isto, uma vez que opera uma reificação e fetichização desta ordem.

Precisados os conceitos, podemos pensar que as informações ideológicas, disseminadas através das diversas instituições sociais por meio do macroprocesso de socialização, se constituem, talvez, na principal força responsável pela reprodução das condições subjetivas de consentimento necessárias e fundamentais para reproduzir as relações de produção capitalistas. E que, em sua fase atual de desenvolvimento contraditório, os aparatos infotelecomunicacionais passaram a ser os agentes centrais deste processo. Tendo em vista que, segundo Moreira (2003, p.1207),

Hoje, mais que nunca na história, os agentes privilegiados no processo de (re) criação e difusão de valores, comportamentos, gostos, ideias, personagens virtuais e ficção [agentes do processo de socialização] são as grandes empresas transnacionais da mídia, da publicidade e do entretenimento [os aparatos infotelecomunicacionais]

Além de se constituírem em agentes centrais do processo de socialização, os aparatos infotelecomunicacionais adquirem uma *presença* ubíqua, suas ações são pervasivas e constantes, encontrando-se enraizados nos modos operandi de praticamente todas as outras instituições sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na fase atual de desenvolvimento contraditório do capitalismo, com a consolidação de uma cultura de massa, os aparatos infotelecomunicacionais passam cada vez mais a partilhar com a família e a escola uma responsabilidade pedagógica, isto é, se tornam agentes do macroprocesso de socialização. Aos poucos, estas duas instituições perdem seu poder na construção das identidades sociais e individuais dos sujeitos, sendo este poder, cada vez mais, transferido aos aparatos infotelecomunicacionais.

Como consequência disto, as biografias individuais e coletivas contemporâneas

passam não mais a serem definidas e traçadas apenas a partir de experiências próximas no tempo e no espaço (transmitidas pelos agentes tradicionais), mas, ao contrário, se tornam permeáveis aos modelos e referências produzidos e vividos em contextos sociais longínquos e/ou virtuais apreendidos por meio do acesso ao conjunto de informações disseminadas cotidianamente pelos aparatos infotelecomunicacionais. Estas informações, uma vez que estes aparatos são, em sua maioria, empresas capitalistas, possuem uma natureza predominantemente ideológica, isto é, visam a (re)produção das condições subjetivas necessárias a (re) produção das relações capitalistas de produção.

Diante disto, julgamos necessário pensar em uma questão de fundo, que nos parece ser fundamental para orientar as ações daqueles que desejam, sonham e atuam na construção de uma realidade para além da lógica da mercadoria: se existe clareza de que os aparatos infotelecomunicacionais se constituem hoje em agentes centrais do processo de socialização, como agir no sentido de contrabalancear o peso das informações ideológicas por eles disseminadas massivamente? Talvez seja por meio da ocupação das brechas/buracos existentes nestes aparatos para a disseminação de informações contra ideológicas e, simultaneamente, a construção de novos espaços de produção e disseminação deste tipo de informação no contexto mais amplo da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni Antônio Pinto. *Trabalho e Subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório*. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. Marxismo, a alienação e o tempo histórico da barbárie social do capital. *Revista Katálysis*. Santa Catarina, v. 16, n. 1, p. 57-62, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/10828>>. Acesso em: 10/11/2016

ALVES, Camila Augusta Lima. *Informação Ideológica e sua disseminação em redes sociais: uma análise a partir da teoria de Louis Althusser*. 2016, 120f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

BOLAÑO, César. *Indústria cultural, informação e capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 2000.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1983.

BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCI, Marialice M.; SOUZA MARTINS, José (orgs.). *Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p. 200-214.

BUCKLAND, M. K. Information as thins. *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, v.45, n. 5, p. 351-360, 1991.

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. *Perspectiva em Ciência da*

Informação, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007.

DUBAR, Claude. *La socialisation*. Paris: Armand Collin, 2000.

_____. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Porto; Editora Porto, 1997.

DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. *As regras do Método Sociológico*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOWY, Micheal. *As aventuras de Karl Marx contra o barão de Munchhausen*. São Paulo: Cortez, 2013.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Néida. O objeto de estudo da Ciência da Informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 19, n.2, p. 117-122, jul./dez. 1990.

LE COADIC, Yves. François. *A Ciência da Informação*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

MARX, Karl. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MÉSZÁROS, István. *Teoria da alienação em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. *Crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. *Filosofia, Ideologia e Ciência Social*. São Pulo: Boitempo, 2008.

MORAES, Dênis de. O capital da Mídia na lógica da globalização. In: _____ .(Org.) *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 187-216.

_____. A comunicação sob o domínio dos impérios multimídias. In: DOWBOR, Ladislau et al. (Orgs). *Desafios da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 13-19

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1203-1235, dezembro 2003.

SCHNEIDER, Marco. *A dialética do gosto: informação, música e política*. Rio de Janeiro: Circuito, 2014.

SOBRE O ORGANIZADOR

Luan Vinicius Bernardelli: Doutorando em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá. Foi *Visiting Scholar* na Southern Cross University (Austrália) (2019). Mestre em Teoria Econômica pela Universidade Estadual de Maringá (2017). Atua nas áreas de Economia monetária e financeira, Economia Regional, Economia da Religião e Economia da Saúde. Também atua como revisor ad hoc em diversos periódicos nacionais e internacionais. Suas principais publicações apareceram em revistas como *Estudos Econômicos (USP)*, *Journal of Religion and Health*, *Local Government Studies*, *Review of Social Economics* e *Revista Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura 17, 19, 59, 91, 110, 114, 123, 137

Agroindustrialização 311

Alimentação 19, 107, 123, 124, 137

C

Consumo 92, 96, 98, 99, 103, 125, 136

Cultura 18, 85, 86, 96, 97, 98, 99, 110, 135, 182, 183, 184, 186, 333, 392, 393, 394, 424, 436, 437

D

Desenvolvimento 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 19, 20, 32, 60, 72, 98, 114, 123, 137, 160, 172, 173, 175, 199, 200, 213, 216, 233, 245, 246, 250, 251, 253, 294, 295, 301, 302, 321, 335, 372, 373, 393, 394

Desenvolvimento Regional 1, 2, 3, 4, 10, 11, 12, 98, 246, 251, 394

Desenvolvimento Socioeconômico 372, 373

Dissidentes 173

E

Economia solidária 20, 147, 148, 151, 154, 158, 170, 171, 194, 221, 233, 371, 458

G

Globalização 31

I

Inclusão Digital 449

Inclusão Social 449

Incubadora 29, 180, 182, 185, 201, 204, 213, 214, 222, 223, 228, 231, 232, 234, 235, 239, 251, 254

Indústria de transformação 299, 300, 302, 304

Indústria extrativa 299, 300, 301, 302, 304

P

Participação 13, 66, 303, 304

Práticas agroecológicas 112

R

Rede 166, 170, 171, 204, 205, 207, 212, 214, 228, 229, 232, 349, 453, 459

Redes 32, 213, 216, 218, 454

S

Segurança alimentar 112, 115, 123, 320

Sociedade Civil 13, 17

T

Tecnologia Social 233, 449, 453, 457, 458, 459

Território 13, 14, 15, 16, 17, 32, 113, 245

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-505-1

